



A avaliação formativa é um poderoso processo pedagógico que ajuda a melhorar muito a qualidade do que e como os alunos e os seus professores aprendem e ensinam. A avaliação, qualquer que ela seja, tem, acima de tudo, a ver com a partilha de informação entre os alunos e entre estes e os seus professores. Tem a ver com a comunicação que se estabelece nas salas de aula.

A comunicação dos professores para os alunos deve permitir que estes saibam em que situação se encontram relativamente às aprendizagens a desenvolver e o que têm de fazer para lá chegar. Isso é válido num contexto de avaliação formativa e, em princípio, em qualquer contexto de avaliação. Mas a relevância da avaliação formativa, da avaliação para aprender, decorre muito da comunicação que se estabelece dos alunos em direção aos professores.

De fato, durante as práticas escolares os alunos devem ter amplas oportunidades de mostrar (comunicar) aos seus professores o que sabem e o que são capazes de fazer.

Esse processo de comunicação mútua que se estabelece entre professores e alunos é essencial para que aqueles cumpram melhor as suas funções e para que estes consolidem ou reconquistem a sua habilidade natural para aprender.

Há anos que a pesquisa em educação vem nos mostrando que a maioria das crianças começa a sua vida escolar com uma grande e genuína vontade para aprender. Desde a leitura e da escrita até a aritmética e a uma variedade de outros conhecimentos disciplinares. Mas também competências transversais como a resolução de

problemas e a concepção e desenvolvimento de projetos e experiências. Infelizmente, a pesquisa também evidencia que, com o passar dos anos, muitas crianças vão perdendo o entusiasmo pelas aprendizagens, passando a orientar os seus esforços em função das classificações e não em função do saber e do conhecimento.

Esse é o resultado de práticas avaliativas quase exclusivamente orientadas para a atribuição de classificações em prejuízo de práticas mais orientadas para apoiar e para melhorar as aprendizagens. A avaliação formativa, de natureza contínua e interativa, integrada nos processos de ensino e de aprendizagem, vem substituir as práticas de avaliação classificativas por processos que incluem a partilha de informação, a cooperação, a discussão e a deliberação. Trata-se de uma avaliação em que o principal interesse dos professores é compreender o que e como aprendem os seus alunos, para apoiá-los e orientá-los na sua vida escolar. Trata-se de uma abordagem bem distinta da que se centra quase exclusivamente na procura de erros ou de “respostas certas” e na coleta de informação orientada para as classificações.

Parece-me fundamental que se criem contextos em que os alunos se sintam à vontade para exprimir e partilhar as suas opiniões e os seus pensamentos, participando ativamente na construção e desenvolvimento do que são supostos conhecer, compreender e aprender. Por isso mesmo, nada poderá ser mais negativo do que um ambiente de aprendizagem em que o erro e as dificuldades inibam os alunos de comunicar o que pensam e como pensam.

Ler e escrever são, comprovadamente, processos absolutamente indispensáveis e indissociáveis do desenvolvimento cognitivo. Conseqüentemente, desde muito cedo, as crianças devem ser confrontadas com uma variedade de tarefas que sejam suficientemente desafiadoras, significativas e devidamente contextualizadas. Tais tarefas devem permitir que professores e alunos partilhem livremente as suas idéias e cooperem numa variedade de atividades de leitura e de escrita criativas, na construção e reconstrução de textos ou na sua análise e interpretação. A **comunicação avaliativa**, isto é, o processo que permite apoiar todas as atividades e melhorar sempre os seus processos e resultados, faz parte dessa partilha. Sem comunicação livre, responsável e responsabilizadora, não há lugar para aprendizagens significativas e profundas.

Nada pode ser mais compensador para professores e alunos do que um ambiente de ensino e de aprendizagem em que a interação social seja uma realidade bem presente. As salas de aula transformam-se em verdadeiras comunidades de leitores atentos, de escritores empenhados e de observadores críticos das realidades sociais, científicas, ambientais e tecnológicas que nos rodeiam. As salas de aula passam a ser locais onde todos sentem que podem dar a sua contribuição e em que todos sentem que são ouvidos e ajudados nas suas dificuldades. Passam a ser locais de exercício da cidadania no seu sentido mais nobre e democrático. Aprende-se a conhecer e aprende-se a ser e a viver.

Não é nada fácil transformar as salas de aula em espaços como aos que anteriormente se referiu. Mas é possível. Existem, um pouco por todo o mundo, exemplos que o comprovam. Os professores têm, obviamente, um papel insubstituível nessa difícil transformação. Pede-se-lhes que creiam com todas as suas forças que os seus alunos podem aprender melhor. Pede-se-lhes que participem no duro e difícil combate social por uma escola mais democrática. Pede-se-lhes, enfim, que a avaliação formativa e a comunicação façam parte das suas práticas porque melhoram muito as aprendizagens dos alunos.

Não é pouco. É verdade. Mas o que poderemos nós conseguir de significativo em educação sem inteligência cognitiva e emocional, sem fortes convicções e sem muito esforço? ●

Domingos Fernandes

Doutor e Mestre em Educação;
Licenciado em Matemática; Professor de
pós-graduação e Consultor sobre temas
avaliação, do desenvolvimento curricular e
da formação de professores; Professor da
Universidade de Lisboa, Portugal.
dfernandes@fpce.ul.pt

